



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

ESTHER KAUANI DE MENESES ALMEIDA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA E
ENTREVISTA COM DOCENTES

FORTALEZA
2023

ESTHER KAUANI DE MENESES ALMEIDA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA E
ENTREVISTA COM DOCENTES

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Junior.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

A446p Almeida, Esther Kauani de Meneses.
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE: RELATO DE EXPERIÊNCIA E
ENTREVISTA COM DOCENTES / Esther Kauani de Meneses Almeida. – 2023.
53 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia
, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Junior.

1. Práticas. 2. Educação. 3. Inclusiva. I. Título.

CDD 370

ESTHER KAUANI DE MENESES ALMEIDA

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E DIVERSIDADE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: 08 de Dezembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Junior (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Raquel Crosara Maia Leite (Examinadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Luis Távora Furtado Ribeiro (Examinador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

A Deus.

Aos meus pais, Marisa e Antônio.

AGRADECIMENTOS

Nesse momento tão singular em minha vida, quero agradecer primeiramente a Deus por ter permitido que eu realizasse esse sonho e ter me dado forças para alcançá-lo. Agradeço também aos meus pais que lutaram para garantir que eu tivesse uma boa educação, mesmo com toda dificuldade, e ressaltar que se não fosse por eles eu não teria conseguido chegar até aqui, obrigada por sempre acreditarem em mim, isso aqui é por vocês. Igualmente, agradeço meus companheiros de jornada Alex Câmara e Vitória Mendonça, que passaram toda a graduação ao meu lado, nunca me deixando desistir e tornando minhas manhãs, tardes e noites de aula mais agradáveis. Da mesma forma, agradeço ao meu companheiro de vida, Gil, por ter me dado o suporte emocional necessário para que eu acreditasse que tudo iria dar certo. A todos os citados, meu mais sincero agradecimento, cada um de vocês contribuíram para que eu chegasse até aqui.

RESUMO

Esse trabalho busca evidenciar as práticas pedagógicas vivenciadas e assistidas em três momentos distintos, durante os períodos escolar e acadêmico, com o foco na diversidade. O método de pesquisa utilizado foi o relato de experiência que teve como embasamento os autores Libâneo (1994), Freire (2011), Alves (2001) e Almeida (2021), assim como os seguintes documentos normativos e legais que regulamentam a educação inclusiva: Declaração de Salamanca (1994), Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2007) e o documento oficial publicado pelo ministério da educação, por meio da secretaria de educação especial “A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais” (2006). Como resultados, são apresentados os relatos que foram divididos em seções que descrevem tais vivências, com a intencionalidade de mostrar como tem sido a realidade desses ambientes educacionais em relação às práticas inclusivas, sendo eles duas escolas particulares do município de Fortaleza, as quais em uma estudei por 13 anos e em outra estagiei por dois anos, como também a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, onde estudei por 5 anos, além de apresentar entrevistas feitas com dois professores sendo um da rede pública e outro da rede privada. Dispondo, portanto, de uma reflexão sobre a qualidade de ensino que as escolas e os professores, através de suas práxis, têm entregado para seus alunos, como também sobre as dificuldades que enfrentam para conseguir fazê-las.

Palavras-chave: práticas; educação; inclusiva.

ABSTRACT

This work seeks to highlight the pedagogical practices experienced and assisted at three different moments, during school and academic periods, with a focus on diversity. The research method used was an experience report based on the authors Libâneo (1994), Freire (2011), Alves (2001) and Almeida (2021), as well as the following normative and legal documents that regulate inclusive education: Salamandra Declaration (1994), National Policy on Special Education from the Perspective of Inclusive Education (2007) and the official document published by the ministry of education, through the secretariat of special education "The school inclusion of classes with special educational needs" (2006). The reports were divided into reports that describe such experiences, with the intention of showing what the reality of these educational environments has been like in relation to inclusive practices, being two private schools in the city of Fortaleza, which in a study for 13 years and in I interned for two years in another, in addition to the Faculty of Education at the Federal University of Ceará, where I studied for 5 years. Therefore, offering a reflection on the quality of teaching that schools and teachers, through their practices, have delivered to their students, as well as on the difficulties they face in achieving this.

Keywords: practices; education; inclusive.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EE	Educação Especial
EI	Educação Inclusiva
EF	Ensino Fundamental
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FACED	Faculdade de Educação
SAEB	Sistema de Avaliação da Educação Básica
SISU	Sistema de Seleção Unificada
SPAECE	Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará
TEA	Transtorno do Espectro Autista
TOD	Transtorno Desafiador Opositor
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade
UECE	Universidade Estadual do Ceará

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES	15
2.1	História pessoal escolar	15
2.2	A escolha da Pedagogia	21
2.3	Diversidade e práticas pedagógicas no curso de Pedagogia	24
2.4	Experiência no Estágio	26
3	O OLHAR DOCENTE SOBRE A PRÁTICA DA INCLUSÃO NA SALA DE AULA: DESAFIOS E DIVERSIDADE	44
3.1	Entrevista com os Docentes	44
4	CONCLUSÃO	50
	REFERÊNCIAS	52
	APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES	53
	...	

1 INTRODUÇÃO

A partir dos nossos conhecimentos prévios adquiridos durante nossa vida escolar, acadêmica e social, conseguimos facilmente identificar a grande diversidade de características individuais em cada pessoa que encontramos nos ambientes em que frequentamos, mas em situações frequentes, infelizmente, ainda nos deparamos com casos de preconceito, intolerância e desrespeito diariamente aos que são considerados diferentes do padrão imposto pela sociedade.

Apesar de que a grande maioria desses preconceitos sejam influenciados pelo ambiente familiar e isso tenha uma força significativa na formação do caráter do indivíduo, nos nossos primeiros anos de vida, é na escola onde existe um número maior de situações em que vão mostrar na prática como devemos tratar o próximo, e um dos principais responsáveis para intervir e ser exemplo nesse ambiente é o professor ou a professora.

Por meio da ação educativa o meio social exerce influências sobre os indivíduos e estes, ao assimilarem e recriarem essas influências, tornam-se capazes de estabelecer uma relação ativa e transformadora em relação ao meio social. (LIBÂNEO, 1994, p. 15).

A escola, tem como uma de suas funções, preparar a criança para viver em sociedade, portanto, é fundamental que elas, além de terem contato com a diferença do outro e serem ensinadas a respeitá-los, entendam que são capazes de aprender, independentemente de sua condição física ou mental. Nesse contexto, a inclusão dos alunos durante as aulas por meio de práticas pedagógicas que atendam suas necessidades, seja ela qual for, se torna fundamental, contribuindo para uma educação democrática.

Considera-se que a Educação Inclusiva é um dos caminhos possíveis para que países marcados por desigualdades sociais enfrentem problemas de exclusão social e educacional, por meio das mudanças sugeridas a partir da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino. O respeito à diversidade é um dos pilares básicos da Educação Inclusiva que converte-se em alternativa para que os sistemas educacionais rompam, definitivamente, com as diferentes formas de exclusão educacional. (BRASIL, 2006, p. 8).

A educação inclusiva, por ser mais recente, ainda possui muitas lacunas. Na década de 70. Brasil (2006) aponta que:

(...) a Educação Inclusiva norte-americana, assim como a de outros países, como o Brasil, limitavam-se apenas à inserção física desses alunos na rede comum de ensino, nos mesmos moldes do movimento de integração. (BRASIL, 2006, p. 6).

Depois de mais de 50 anos, ainda é possível ver escolas onde os professores se limitam às aulas expositivas e as atividades no livro didático, tratando como se isso fosse o suficiente para que todas as crianças da turma tenham um processo de aprendizagem adequado.

Não é difícil, ao estarmos em um ambiente escolar, nos depararmos com professores tratando uma turma com uma notável pluralidade, de forma homogeneizada. Nem todas as crianças conseguem aprender com aulas apenas expositivas, portanto, é fundamental “Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (FREIRE, 2011, p. 33).

Estar sensível às individualidades do aluno demonstra, sobretudo, lutar pela democratização da educação, onde todos vão poder ter as adaptações necessárias para o seu desenvolvimento, mesmo com diferentes culturas, classes sociais, tipos de inteligência, tons de pele, religiões, gêneros, neurodivergências ou deficiências físicas.

A escola historicamente se caracterizou pela visão da educação que delimita a escolarização como privilégio de um grupo, uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social. A partir do processo de democratização da escola, evidencia-se o paradoxo inclusão/exclusão quando os sistemas de ensino universalizam o acesso, mas continuam excluindo indivíduos e grupos considerados fora dos padrões homogeneizadores da escola. Assim, sob formas distintas, a exclusão tem apresentado características comuns nos processos de segregação e integração, que pressupõem a seleção, naturalizando o fracasso escolar. (BRASIL, 2007, p. 1).

Desenvolver atividades que incluam todos os alunos da sala ensina, além do conteúdo da disciplina, a ser responsável também pelo próximo, valida a existência do que é diferente daquilo que é considerado padrão e evidencia a importância desse aluno que não costuma ser visto, ao invés de escondê-lo e fazê-lo se sentir apagado da turma.

A valorização da participação dos alunos que são habituados a serem excluídos tem um grande efeito na vida de todos que participam dessa ação, do professor que dá uma aula de cidadania, dos alunos que ao assistirem, aprendem a incluir e torcer pelo colega que aprende de forma diferente, e pelo aluno que está aprendendo de uma forma adequada e está desenvolvendo o seu conhecimento de forma leve e adaptada, como deve ser. Assim, em consonância com os princípios da

educação inclusiva:

(...) é uma ação política, cultural, social e pedagógica, desencadeada em defesa do direito de todos os alunos de estarem juntos, aprendendo e participando, sem nenhum tipo de discriminação. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2007, p. 1).

Com base no que foi apresentado acima, esta pesquisa tem como motivação a observação pessoal da insuficiência de práticas pedagógicas inclusivas durante a ministração de aulas nos anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) de uma escola da cidade de Fortaleza, além da notória dificuldade de compreensão de uma parcela considerável desses alunos durante as aulas.

Este estudo tem como objetivo geral relatar as vivências relacionadas à inclusão durante o percurso educacional. Como objetivos específicos: descrever acerca da observação das práticas pedagógicas inclusivas no período escolar; evidenciar a realidade inclusiva no contexto acadêmico; apresentar práxis pedagógicas dos professores de uma instituição de ensino da rede privada.

Delineando os percursos metodológicos, o presente trabalho de conclusão de curso caracteriza-se como relato de experiência embasado, tendo como fundamento apresentar vivências enquanto aluna no período escolar e acadêmico e enquanto estagiária em uma escola privada da cidade de Fortaleza, fazendo o uso de entrevistas semi-estruturadas com dois professores de instituições diferentes, sendo um da rede pública e outro da rede privada, com a intencionalidade de apresentar as principais diferenças e dificuldades encontradas na realização das práticas pedagógicas inclusivas nos dois cenários através de suas perspectivas.

Essa temática é considerada importante por acreditar que a transformação da sala de aula em um lugar mais harmônico e democrático, facilita o processo de aprendizagem e inclusão social, além de fazer com que os alunos sintam vontade de participar das atividades e estejam confortáveis para tirar dúvidas ou pedir ajuda sem se sentirem diferentes ou como um incômodo para os professores ou colegas de classe.

O ambiente escolar precisa ser um lugar onde a criança queira estar e se sinta, sobretudo, respeitada por ser quem é e incluída a partir das práticas pedagógicas que as contemplem, sendo o professor, um dos responsáveis por criar esse ambiente e planejar suas aulas pensando em atender todas as demandas de sua turma.

2 RELATO DE EXPERIÊNCIA: VIVÊNCIAS E REFLEXÕES

Esta seção possui quatro subseções que relatam minhas experiências vividas nos ambientes educacionais em que estive. Na primeira apresento meu histórico pessoal escolar e minhas lembranças relacionadas às práticas pedagógicas inclusivas nesse período. A segunda subseção traz o caminho que segui até conhecer o curso de Pedagogia e escolhê-lo para ser meu curso de graduação. Na terceira subseção, descrevo algumas situações que assisti já como aluna na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, com colegas de sala ou de outros semestres, evidenciando a falta de práticas pedagógicas inclusivas de alguns professores também nesse espaço. Na quarta e última seção, relato sobre o que pude observar em sala de aula, no período que estagiei em uma escola da rede privada de ensino em turmas do Ensino Fundamental I anos iniciais e como foi feita a inclusão das crianças durante os dois anos que passei lá.

2.1 História pessoal escolar

As minhas primeiras lembranças do meu período escolar são ainda na Educação Infantil. Durante os meus primeiros anos na escola, estudei com meu primo que aqui darei o nome de Lucas. Ele sempre demonstrou ter um pouco mais de dificuldade para se desenvolver na escola, e isso era algo que eu percebia, além de alguns comentários dos adultos que nos cercavam e até de algumas professoras, que faziam com que eu ficasse ainda mais atenta para isso. Por sermos primos, sempre existiu uma comparação entre o meu processo de aprendizagem e o dele na escola e, principalmente, em casa.

Além de dividirmos a mesma turma, ele morava na casa atrás da minha, então até as atividades nós fazíamos juntos em alguns momentos, e confesso que algumas questões que eu considerava mais difíceis, se tornavam ainda mais complicadas para ele, pois nossas mães, por serem donas de casa e precisarem dividir a atenção com os nossos irmãos, não tinham tanto tempo e paciência para explicar e ensinar de uma forma que ele pudesse entender. Dentro da sala de aula, não me recordo de ter visto uma atenção voltada para ele, porém, como eu era apenas uma criança, não tinha um olhar mais observador para essas questões, mas lembro que naquela época não tínhamos a auxiliar de sala, que seria quem poderia

nos dar um suporte em determinados momentos. Havia apenas a professora regente.

Com 5 anos, Lucas teve uma paralisia dentro da sala de aula, enquanto conversava comigo, e apesar da pouca idade, lembro exatamente do momento em que aconteceu. Por conta disso, ele passou vários meses internado e sem ir para as aulas, o que dificultou ainda mais seu processo de desenvolvimento naquele ano.

Eu e o Lucas estudamos juntos até a primeira série, o que hoje seria o segundo ano do Ensino Fundamental. Lembro que quando estávamos na alfabetização ele estava na fase silábica, caminhando para a alfabética e ao final do ano tivemos que escrever uma história curta para fazer colocar no livro dos formandos do ano e, por mais que ele tenha tido dificuldade naquele momento, conseguiu escrever e aquilo foi muito importante tanto para ele, quanto para os seus pais.

Depois disso, meus tios resolveram mudar de bairro, então não tive mais tanto contato, mas soube que ele precisou repetir algumas séries seguintes, foi para escola pública e acabou não concluindo os estudos, infelizmente. No momento em que estudamos juntos eu não conseguia entender, mas ele foi o meu primeiro contato com as dificuldades no desenvolvimento escolar.

Ainda na Educação Infantil, tive contato com mais duas colegas de sala que eram diferentes aos meus olhos. A primeira, não consigo lembrar o nome agora e não tenho muitas lembranças quanto gostaria. Ela tinha Síndrome de *Down* e o que eu consigo resgatar na memória é que a maioria das crianças tinha medo de brincar com ela, pois em alguns momentos ela apresentava comportamentos agressivos, como puxar o cabelo, beliscar, morder, e por isso, ficava a maior parte do tempo apenas com a professora. Acredito que essa poderia ser uma forma da professora evitar maiores desentendimentos entre as outras crianças com ela.

Não existia nenhum tipo de atividade de inclusão ou conversa com a turma que despertasse em nós a vontade de querer estar perto dela, ou para termos o mínimo de noção de que ela tinha algumas dificuldades para conseguir socializar e que trouxesse um pouco mais de compreensão durante as brincadeiras que ela tentava participar. Mas ainda assim, eu sempre tentava contato com ela para que não se sentisse tão sozinha.

Sobre atividades adaptadas, não me recordo, mas como não tínhamos o suporte de outra professora para auxiliar em demandas específicas, acredito que a

professora da turma não conseguia conciliar dar aula para a turma e aplicar alguma atividade com ela durante o mesmo período de aula. Infelizmente ela não conseguiu se adaptar à escola (ou a escola a ela) e acabou tendo que sair de lá no mesmo ano em que entrou, depois disso eu não tive mais contato com ela.

A segunda colega, aqui chamarei de Marina, com ela eu consegui ter bem mais experiências, pois ela ficou na escola até o final do Ensino Fundamental I (se não me falha a memória) e já éramos um pouco maiores, o que possibilitou termos mais interações, até por entender melhor. A Marina sempre foi super simpática e comunicativa com todos, brincava com as meninas no intervalo, conversava com a gente do jeitinho dela, fazia até escolinha de vôlei e era bem melhor que eu, sendo sincera. Também conseguia expressar bem suas emoções quando algo não lhe fazia bem ou quando lhe desrespeitavam.

Sabemos que, infelizmente, sempre vai haver pessoas que sentem necessidade em diminuir os outros por se sentirem superiores de alguma forma, na nossa turma não foi diferente, mas como ela sempre foi bem maior que todos da turma e, de certa forma, sabia se defender, os meninos tinham um pouco de medo de falar algo que ela não gostasse. Nós (alunos) nunca tivemos acesso ao que seria o diagnóstico dela, tudo que sempre nos foi falado era que era “especial”, mas o que conseguimos perceber era que ela tinha um atraso na fala, sua mentalidade era um pouco mais infantil que a nossa e que precisava de um suporte maior para compreender as atividades.

Ela era uma aluna super dedicada, já conseguia ler palavras simples, mas era notável a sua dificuldade para seguir o mesmo conteúdo da turma e infelizmente não recebia o acompanhamento necessário para que conseguisse se desenvolver melhor no seu ritmo. Em alguns momentos eu conseguia observar que ela fazia algumas atividades diferentes das nossas, às vezes fazia só algumas pinturas, mas pelo que eu consigo lembrar, as provas que ela recebia era igual à da turma e quando a professora entregava as provas corrigidas, sempre tirava 7, que era a nota média da escola. Lembro que tinha vezes que ela ficava frustrada por tirar sempre essa nota, e ia até a mesa da professora questionar se estava realmente certa, mas nem ler e interpretar as questões ela conseguia.

Nesses momentos eu conseguia ver no rosto da professora que não era aquilo que ela realmente queria propor para a Marina, por ver todo o interesse que ela demonstrava e toda dedicação para tentar compreender os assuntos explicados

em sala, mas parecia ser, dentro da sua realidade, a única coisa que ela poderia fazer.

Paralelamente a essas experiências vividas na escola, em casa comecei a perceber que meu irmão mais velho também não conseguia aprender tão facilmente e sempre “dava trabalho” para conseguir fazer as atividades. Primeiro ele foi levado ao oculista, pois se queixava de fortes dores de cabeça durante o dia e lá viram que ele realmente tinha astigmatismo e miopia e seria isso que estava causando suas dores de cabeça, dificultando assim o seu aprendizado na escola, mas o tempo passou e sua dificuldade em sala de aula não, então meus pais foram aconselhados pela diretora da escola onde ele estudava a levá-lo para uma consulta com uma psicopedagoga, para analisar melhor o caso dele e lá foi levantada a hipótese de que ele poderia ter Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH¹).

Há 20 anos, pouco se falava em tratamentos para esse e outros transtornos e como meus pais não foram muito bem instruídos sobre os possíveis tratamentos, nada foi feito em relação a isso e ele continuou sua vida escolar tendo dificuldades e sendo lido como “o aluno bagunceiro que não queria nada com a vida”.

No extra escolar, minha mãe optava geralmente por pagar uma pessoa para ensiná-lo, pois não conseguia lidar muito bem com as demandas dele, mas parece que as outras pessoas também não conseguiam, levando em consideração que frequentemente era necessário mudar de professora, pois naquela época, além de não existir o fácil acesso aos estudos já publicados, muitas professoras davam aula apenas tendo concluído o Ensino Médio, com isso, não tinham o conhecimento necessário para lidar com crianças “fora do padrão”.

Meu irmão repetiu algumas séries e mudou de escola várias vezes ao longo da sua vida escolar e concluiu os estudos por meio de supletivo, mas na época eu não consegui entender o que motivava essa dificuldade, até que comecei a sentir também.

Eu sempre fui lida como uma criança inteligente pelos meus pais, não sei se era algo genuíno ou apenas uma forma de me incentivar nos estudos. Minha mãe

¹ O Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) é um transtorno neurobiológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Ele se caracteriza por sintomas de desatenção, inquietude e impulsividade.

fala que comecei a ler e escrever antes dos cinco anos, mas como na educação infantil não existem provas no mesmo formato do Ensino Fundamental, não me recordo das avaliações ou do meu rendimento naquele período.

Quando comecei a sentir dificuldade em conseguir aprender alguns conteúdos, por volta dos meus oito anos, quando fazia a quarta série, me apegava ao que meus pais falavam para eu me sentir menos desconfortável naquela situação, mas nesse mesmo ano eu fiquei de recuperação pela primeira vez e foi como se aquilo fosse a comprovação do que eu estava sentindo, que eu realmente não conseguia aprender como os meus colegas de sala. Nesse ano eu consegui passar pela recuperação, mas fui para o conselho de classe e, no ano seguinte, por continuar com algumas dificuldades, reprovei o quinto ano. Isso me deixou completamente arrasada.

Meus pais me tiraram da escola em que eu estudava e fui para escola que meu irmão estudava, daquele ano eu não consigo lembrar de nada em relação ao meu desempenho pedagógico, mas não tive a mesma dificuldade do ano anterior, talvez por ter uma maior proximidade com minha professora e ela ter me dado um maior suporte, talvez por ser um conteúdo que eu já havia visto ou pelas provas terem sido niveladas com as aulas. Não sei dizer ao certo, mas aquele foi um ano letivo bem mais leve para mim. Passei de ano sem ir para recuperação e no ano seguinte, voltei para a minha antiga escola.

Já no sexto ano, comecei a ter contato com as disciplinas novas, as divisões da matemática entre álgebra e geometria, a gramática mais aprofundada, as biológicas e químicas, mas neste momento parecia que eu tinha voltado a saber estudar e que não era mais "burra". Apesar de, naquele momento, eu ser um ano mais velha que toda a turma, eu tinha voltado a me sentir bem com os estudos e tudo corria bem. Eu não era a melhor da turma e também não me esforcei para ser.

Meus pais nunca me pressionaram pelas melhores notas, só queriam que eu não reprovasse de novo, então eu levei meu Ensino Fundamental II de maneira leve, apesar de ter tido dificuldades nas matérias de exatas, mas nada que me levasse para recuperação novamente. Minhas notas estavam, na maioria das vezes, na média, mas nesse período eu tirei o tão temido zero. Isso poderia ser motivo de preocupação, devido ao meu histórico de reprovação, mas não me senti tão mal, pois naquela prova ninguém tinha tirado acima de 5, então eu sabia que a dificuldade que senti, meus colegas também estavam sentindo.

Depois disso não voltei a tirar essa nota e consegui recuperar os pontos que eu precisava para poder passar de ano, sempre estudando sozinha ou com a ajuda de algum colega de sala que tinha mais facilidade naquelas disciplinas. Assim, eu consegui escapar da recuperação pelos próximos quatro anos, mas no ensino médio as coisas passaram a ser mais difíceis.

A quantidade sufocante de disciplinas e a carga horária aumentada fizeram com que meu rendimento escolar diminuísse muito, e todo aquele sentimento da infância, misturados com turbilhão de pensamentos que é a cabeça de um adolescente, fizeram acreditar que eu era uma menina “burra” de novo, só que agora projetando que nunca conseguiria ingressar em uma universidade pública e que meus estudos iam se limitar ao meu ensino médio, se eu conseguisse concluí-lo.

Todo meu Ensino Médio foi voltado para o ENEM, assim como a grande maioria das escolas particulares. As provas passaram a ser somente fechadas e em formato de simulado e foi muito difícil me acostumar com a velocidade que as aulas aconteciam e a quantidade de aulas diárias. Tinha dias que as aulas só acabavam às 22 horas e no outro dia de manhã tinha que estar lá bem cedo para participar do laboratório de redação, mesmo estudando no turno da tarde.

Inúmeras vezes tive que almoçar na escola, pois não compensava financeiramente ir em casa e voltar para as aulas da tarde. Mas além do meu cansaço físico e mental, a minha dificuldade de compreender algumas disciplinas também me atrapalharam bastante durante esse período, meus colegas já não tinham mais tempo de me ajudar por conta da rotina e das suas próprias dificuldades e a sensação de não saber mais estudar voltou ainda mais forte.

Em alguns dias eu ia para as aulas focada em aprender e tentar absorver o que os professores falavam, mas parecia que falavam outra língua e muitas vezes ficava com dor de cabeça para conseguir fazer uma questão que meus colegas tinham achado fácil, mas nada fazia eu compreender, diversas vezes eu fingia que tinha entendido para me sentir menos mal, mas eu não entendia nada.

No meu terceiro ano do Ensino Médio, a coordenação montou um projeto com um ex-aluno que tinha tirado uma nota bastante alta no ENEM do ano anterior, acho que tinha passado até em Medicina e Direito em algumas universidades, se não me engano. No começo eu senti um pouco de preconceito por ser uma pessoa sem uma formação acadêmica, mas depois que resolvi assistir uma aula dele,

percebi que ele poderia me ajudar bastante com os estudos.

Os momentos funcionavam mais como um plantão tira-dúvidas e aconteciam no contra turno. Nós chegávamos com as questões que tínhamos dúvida e ele explicava como resolvia e dava algumas dicas que ele usava para resolver aquele tipo de questão. Confesso que esses momentos me ajudaram muito, pois o medo de fazer perguntas era muito menor do que eu tinha quando era com os professores, a pouca idade dele causava em mim a sensação de proximidade com ele e a forma que ele explicava era mais nítida, pelo menos para mim, acredito que por ser de forma mais objetiva, sem tantas possibilidades para responder uma questão simples.

Mesmo sabendo que os professores eram orientados a ensinar os conteúdos da forma que os livros adotados pela escola apresentavam, aquela quantidade de alternativas para responder a mesma questão acabava quebrando toda a minha linha de raciocínio. Além disso, a rapidez que os conteúdos precisavam ser explicados para estar dentro dos prazos do cronograma da escola, não deixava nem que nós tivéssemos a oportunidade de tirar dúvidas.

Lembro que, principalmente nas aulas de matemática, os professores davam uma aula sem interrupções e liberava outra aula só para tirar dúvidas, mas como eu poderia lembrar da dúvida que tive na semana passada? Eu até circulava as questões, mas não conseguia lembrar qual era a dúvida. Então esse projeto me beneficiou, pois eu me sentia mais assistida durante a resolução das questões e as “aulas” eram bem mais descontraídas que as aulas normais, o que fez ficar um pouco menos pesado.

2.2 A escolha da Pedagogia

Naturalmente, quando passamos do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II, passamos também a começar a reconhecer quais são as áreas de ensino que mais nos identificamos e no decorrer dos anos, buscamos identificar em quais profissões aquilo que gostamos pode se encaixar.

Por muito tempo eu pensei que iria ser fisioterapeuta, sempre quando me perguntavam em que eu me formaria, a resposta era Fisioterapia, sem segunda opção. Eu tinha muito interesse na área, sempre achei lindo ver a recuperação e o desenvolvimento de pessoas com o auxílio de um fisioterapeuta, acredito que esse

interesse tenha surgido após uma aula em campo que fomos conhecer o Hospital Sarah Kubitschek, lá eu pude entender a importância da fisioterapia para a sociedade.

Segui com esse desejo até o terceiro ano do ensino médio, mas ao saber quanto eu precisava tirar para passar no Sistema de Seleção Unificada (SISU) e ver quanto era a minha média nos simulados, acabei desestimulada e procurei outros cursos que no qual eu poderia me encaixar, mas para mim era muito difícil encontrar algo no qual eu pudesse me sentir tão realizada quanto eu poderia ser na Fisioterapia.

As inscrições para o vestibular da Universidade Estadual do Ceará (UECE) já estavam prestes a começar e na escola que eu estudava a coordenação fazia uma sondagem para saber os cursos que tínhamos escolhido, acredito que era uma forma de nos induzir a escolher cursos com maiores notas de corte para poder dar maior visibilidade para a escola, caso alguém passasse. Mas eu já sabia que não queria e nem conseguiria entrar em um desses cursos.

Quando chegou minha vez de ir conversar com a coordenadora, fui logo descartando todas as opções que tinham as disciplinas de exatas na segunda etapa, que era a prova objetiva, levando em consideração a minha falta de intimidade com essas disciplinas.

Sabendo que a Universidade Estadual do Ceará (UECE) não possuía o curso de Fisioterapia e que eu não tinha interesse em nenhum outro curso da saúde, minha coordenadora começou a me apresentar os cursos de licenciatura e foi aí a primeira vez que ouvi falar sobre o curso de Pedagogia.

Essa coordenadora me acompanhou durante meus dois últimos anos do Ensino Médio e nós tínhamos bastante proximidade. Durante o meu último ano essa aproximação foi ainda maior após eu ter me tornado líder de sala, pois tudo que acontecia na sala de aula, tanto em relação aos meus colegas, quanto aos meus professores, era eu a pessoa responsável de passar para ela. Então, durante o momento de escolha do curso que eu iria concorrer, ela me apresentou a Pedagogia e mostrou que, assim como a Fisioterapia, ela também consegue reabilitar e desenvolver pessoas em todas as idades, mas ao invés de ser um desenvolvimento físico, era um desenvolvimento de aprendizado.

Foi nesse momento que eu percebi que a Pedagogia tinha muito mais a ver comigo que a Fisioterapia, por mais que eu achasse admirável todo trabalho que

um profissional dessa área faz, eu não conseguiria me encaixar muito bem, pois antes de chegar na parte da reabilitação que eu tanto me identificava, durante o curso eu teria que passar pela parte dos traumas e acredito que isso não seria tão legal para mim.

Durante minha conversa com a coordenadora, ela falou que já tinha percebido em mim uma postura de Pedagoga, pois eu estava sempre à frente dos projetos, era sensível às questões dos colegas e estava disponível para ajudá-los quando precisassem e isso fez eu olhar a Pedagogia como uma possibilidade e a partir disso, comecei a me perceber em sala e pesquisar mais sobre a profissão. Não demorou muito para a Pedagogia passar a ser a minha primeira opção de curso no vestibular da UECE e posteriormente, no Sisu.

2.3 Diversidade e práticas pedagógicas no curso de Pedagogia

Durante o meu primeiro semestre na Faculdade de Educação, houve situações que fizeram eu aprender a me atentar para as necessidades de cada pessoa em uma sala de aula, além de aprender a me importar mais com tais necessidades. Como alunos, costumamos ir para as aulas com o objetivo de chegar em sala, absorver o conteúdo ministrado, voltar para casa e aprofundar o conteúdo com os textos indicados pelo professor. Porém, muitas situações acontecem durante as aulas e essas situações podem mudar completamente o rumo do que foi planejado para aquele momento.

Antes de eu, sequer, ter entrado em uma sala da Faculdade de Educação (FACED), no primeiro dia da Semana de Integração, fui recebida por um colega que me ajudaria com as dúvidas que eu tivesse durante esse processo de adaptação. Ele me recebeu super bem e me ajudou a entender como funcionava algumas coisas da faculdade. Por ser cego, e não haver piso tátil em muitos ambientes da FACED, o tour pelos corredores acabou sendo limitado, mas ele me indicou pessoas para me mostrar melhor os lugares que ele não conseguiu. Depois, por estarmos em semestres diferentes, nos cumprimentávamos apenas pelos corredores ou na cantina, durante os intervalos de aula. Por ser um aluno cego, ele sempre participava de palestras que aconteciam no auditório e contava experiências que ele vivenciou nos semestres anteriores.

Em uma dessas palestras, ele contou a situação que aconteceu no seu primeiro semestre com um professor que pediu para que ele fizesse um resumo de um filme que havia enviado para os alunos, acontece que esse vídeo estava em inglês, não tinha dublagem e muito menos descrição, no primeiro momento ele contou que só sentia raiva de toda aquela situação, mas que se acalmou e resolveu pedir ajuda para entender o vídeo e fazer sua atividade, porém, fez o resumo inteiro em braile e entregou para o professor corrigir. Acontece que o professor não sabia ler em braile e aquilo gerou um certo desconforto em ambos, mas tudo se resolveu bem e até hoje, após o colega já ter se formado, ele e o professor mantêm uma boa relação e o professor o agradece por ter lhe ensinado a atender às necessidades que possam surgir durante suas aulas.

Na minha turma tinha algumas alunas que já eram mães e estavam com seus filhos na escola, outras com bebês recém nascidos que deixavam com sua

rede de apoio para poder ir assistir às aulas e também tinha algumas colegas grávidas e como sabemos, a maternidade pode dificultar o processo de formação para essas mães. Muitas vezes elas precisavam faltar para ficar com o filho que estava doente ou levá-los ao médico e alguns professores lidavam com indiferença e davam falta mesmo elas explicando toda a situação. Houve um dia em que uma dessas colegas tinha usado o limite de faltas do semestre e nesse dia precisou levar o seu filho para a aula, pois não tinha com quem deixá-lo em casa. Ele já era grandinho, na faixa de 7 anos e é uma criança autista.

A primeira reação do professor foi de estranheza, pois ele não estava preparado para dar aula com uma criança em sala, depois começou a demonstrar impaciência durante algumas ações da criança, tentava brincar com ele em outros momentos e seguiu com a aula até o final. A mãe parecia estar desconfortável, pois, em nenhum momento, o professor chegou para dizer que estava tudo bem e que ela poderia assistir à aula com a criança presente e ela também não poderia sair, pois receberia falta e seria reprovada. Nesse momento, deu para perceber que tudo que ela precisava era ouvir que não era problema o seu filho lhe acompanhar, levando em consideração que a única coisa que ele fazia era andar pela sala, sem atrapalhar a turma.

Com esse mesmo professor, houve uma situação de reprovação de uma colega que estava grávida e precisava faltar algumas vezes, pois estava passando mal ou tinha que fazer algum exame, ela sempre pedia para que ele passasse alguma atividade para repor a falta, mas, além de passar atividades muito extensas, era super exigente durante as correções, isso fez ela desistir da disciplina e posteriormente, da graduação.

Foi na FACED também que tive meu primeiro contato com pessoas tendo crises de ansiedade. Durante as aulas, acontecia de duas ou três colegas precisarem sair de sala para conseguir se acalmar durante uma crise e eram raras às vezes que um professor ou professora chegava para perguntar se estava tudo bem ou se precisavam de algo, ao invés disso, achavam ruim em saber que estavam fora de sala e davam até sermão nas amigas que iam tentar ajudá-las nesses momentos.

Na minha turma também tinha um colega com baixa audição, que usava o aparelho auditivo e tinha um aparelho estéreo que servia como um microfone que os professores usavam como um cordão no pescoço e servia para aproximar o som e

diminuir os ruídos da sala, auxiliando na compreensão da fala dos professores, mas em alguns momentos havia falhas no aparelho ou descarregava e ele acabava tendo mais dificuldade para entender o que os professores estavam falando. Nesse caso, a maioria dos professores buscava falar com o rosto voltado para ele, para ele conseguir fazer leitura labial, acredito que isso era o máximo que poderia ser feito naquela situação, durante aquele período.

Nessa mesma turma, na Semana de Acessibilidade, descobrimos o diagnóstico de uma colega que, até então, não imaginava que todas as questões que guardava para si durante seus 20 anos, poderia ser motivada por ser autista e através das rodas de conversa, ela teve contato com mais pessoas que passavam por situações e dificuldades parecidas com as dela e decidiu procurar um psicólogo, que confirmou o que ela já suspeitava. A partir disso, nossa turma passou a ter alguns cuidados a mais em relação ao barulho, ao contato físico (que era algo que ela também não gostava) e com a luminosidade da sala.

Isso tudo aconteceu no nosso primeiro semestre, ao iniciarmos o semestre seguinte, os casos de COVID-19 já tinham se espalhado por todo o mundo, o que nos deixou mais de um ano sem aulas presenciais, fazendo com que eu deixasse de perceber as necessidades dos meus colegas dentro da sala de aula por todo esse tempo e começar a perceber as necessidades das crianças que comecei a trabalhar durante o meu primeiro estágio.

2.4 Experiência no estágio

As experiências que tive trabalhando em ambiente escolar aconteceram todas em uma das grandes escolas de Fortaleza. Fui contratada quando estava iniciando o quarto semestre da graduação e minha função nessa escola era acompanhar crianças do Ensino Fundamental dos anos iniciais, que precisassem de maiores suportes durante as aulas. Para ter esse acompanhamento, os pais dessas crianças tinham que entregar para a coordenadora, que encaminhava para a psicóloga do setor, o laudo médico e/ou a recomendação do psicólogo ou psiquiatra que indicasse que elas tinham algum tipo de deficiência física ou mental e necessitavam de um apoio pedagógico para acompanhá-las durante as atividades em sala. Eu tinha recebido boas recomendações sobre essa escola, escutei de várias pessoas que ela era referência na inclusão dos alunos e com tantos elogios,

eu acreditei que tudo que falavam era a realidade da escola.

A primeira criança que acompanhei tem o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA²), acompanhava o nível da turma, mas era bastante indisposto e como estudava de manhã, chegava na escola muito sonolento e continuava até a volta para casa. Em dias de Educação Física, ele fazia natação e após essas aulas, que aconteciam apenas duas vezes por semana, ele voltava um pouco mais ativo para a sala. A matéria preferida dele era inglês e ele amava dinossauros, então as estratégias que eu usava para manter o foco dele nas atividades eram voltadas para esses temas, usando colagens nas atividades e citando exemplos com os nomes dos dinossauros.

Estava dando certo, mas poucos meses depois sua família precisou mudar de cidade e eu não pude continuar com o acompanhamento dele. Antes de ele ir embora, como a turma tinha mais umas 20 crianças, tive a oportunidade de conhecer e acompanhar um pouco de algumas outras crianças enquanto ele descansava após terminar as atividades. Foi a partir desse momento que eu pude perceber que várias outras crianças precisavam de um apoio muito maior do que a criança que eu acompanhava e em diversas vezes, a professora regente não conseguia dar a atenção necessária para elas e em outros casos, nem, se quer, conseguia identificar a necessidade dessas crianças.

Foi durante as idas nas carteiras dessas outras crianças que todo o encanto que me passaram sobre a educação e, principalmente, sobre a escola que trabalhei, foi acabando. Não era justo, para mim, haver várias crianças com o desenvolvimento “atrasado”, sem atividades também voltadas para a melhora do desenvolvimento delas e ver várias outras, que já estavam acompanhando a série, recebendo mais atenção da professora e ela acreditando que poderia prosseguir com os assuntos das matérias porque tinha meia dúzia de alunos conseguindo acompanhar.

Eu já tinha vivido isso enquanto estudante, mas quando passei a ver como profissional, foi ainda mais triste para mim. Seria aquilo desgaste dos vários anos de sala de aula? Seria alguma instrução da própria escola? Seria falta de vontade de ser docente? Várias dúvidas começaram a surgir na minha mente e

² O transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades.

durante os vários episódios que eu assistia eu só conseguia pensar no abismo que existe entre o ideal e o real da educação no Brasil. Por que as crianças que não possuem um laudo médico não estão sendo incluídas nas aulas e acompanhadas pelos professores da turma como deveriam? Elas não deveriam ter dificuldades? Existe apenas uma forma de aprender?

Confesso que, com tudo isso, a minha vontade de continuar na Pedagogia diminuiu, pois comecei a acreditar que a forma que aquela professora lidava com a turma dela era o que acontecia em todas as turmas e como eu ainda estava afastada da faculdade por conta da pandemia, não tinha como compartilhar minhas vivências com professores e colegas, esse também foi o período que eu menos tive contato com livros e textos, eu lia o mínimo possível, acredito que por estar forçando um afastamento com a Pedagogia, por toda a desilusão que senti nesses primeiros meses de estágio. Mas a necessidade financeira fez eu continuar nesse estágio e automaticamente, cursando Pedagogia.

Mesmo frustrada com tudo que tinha observado, continuei tentando fazer um bom trabalho com as crianças que acompanhava, como comecei a estagiar lá no segundo semestre do ano, após a saída da primeira criança que acompanhei, fiquei auxiliando crianças de diferentes turmas durante os meses finais, quando faltava algum outro estagiário, eu estava lá para cobrir.

Com o tempo fui aprendendo a me relacionar com crianças de diferentes níveis de suporte de TEA, com crianças com deficiência física, com crianças que não recebiam auxílio dos pais em casa, com crianças que os pais não queriam aceitar que elas poderiam ter um diagnóstico de TEA, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) ou Transtorno Opositor³ Desafiador (TOD), e, para minha surpresa, comecei a ter experiência com outros (poucos) professores que utilizavam práticas pedagógicas que realmente conseguiam incluir os alunos da sua turma nas atividades propostas. Minha fé na educação voltou finalmente a existir e comecei a me inspirar nesses professores durante o tempo que passei lá.

Quando retornamos das férias do final do ano, fui para uma turma de terceiro ano, acompanhar um aluno também com TEA, só que bastante diferente do primeiro, com o diagnóstico de TEA, também tinha o de TDAH. Demorei um certo

³ O transtorno desafiador opositor (TOD) geralmente acontece durante a fase da infância. A criança que tem TOD apresenta comportamentos caracterizados por agressividade, raiva, desobediência, provocação e ressentimento.

tempo para me adaptar às demandas dele e entender como eu deveria me comportar com ele.

Com a primeira criança, eu conseguia colocar minha cadeira ao lado da dela e observar de mais perto suas atividades, com a segunda, não existia essa possibilidade, com gritos, choros e bastante ameaças fazia eu me afastar, então comecei a colocar minha cadeira no fundo da sala e reforçar que só iria ajudá-lo quando ele me solicitasse, a partir daí, nossa relação foi ficando melhor e isso fez eu conseguir dar um suporte para outras crianças da turma que também precisavam de ajuda. Aliás, não eram poucas, acredito que, ao longo do período que estive lá, dei mais apoio às outras crianças do que para a que fui posta para acompanhar.

Nessa mesma turma tinha uma criança que não conversava com ninguém, só falava com a professora e que aos poucos foi passando a confiar em mim e aceitar minha ajuda. Com ela, todas às vezes tínhamos que entrar no mundo dela para que ela trocasse a primeira palavra, falar sobre coisas que ela gostava, deixá-la curiosa sobre algum assunto ou mostrar algo de seu interesse. Até o meu último dia nessa escola ela agiu assim e o mais triste de tudo foi ver os professores agindo como se ela não estivesse em sala e até desistindo de tentar um contato por conta do pouco tempo que eles tinham para ministrar suas aulas, sem contar que os pais não aceitavam que ela tinha alguma questão, o que fez e continua fazendo o processo de aprendizado dela ser mais difícil e mais lento.

Ainda na mesma turma, havia uma criança com o diagnóstico de TOD, com ela minha relação foi realmente mais desafiadora, pois ela tinha desavenças com a criança que eu acompanhava e como ambas não entendiam suas questões, eu era a pessoa que tentava fazer com que elas se entendessem, mas eu sempre fui lida por ela como a que protegia a “minha criança” e ficava contra ela.

Ela demonstrava ser bastante carente de atenção e acredito que esse possa ter sido um motivo para ela não conseguir se aproximar e ter uma boa relação com nenhum dos colegas da turma e com quase nenhum dos professores, a exceção foi uma professora de Geografia, mas falarei dessa professora em outro momento.

Sobre o TOD, eu não fazia ideia que esse transtorno existia e foi a partir dessa criança que comecei a ter um olhar mais sensível para as crianças que tinham um comportamento parecido com o dela e passei a conseguir controlar melhor as situações de desregulação, usar palavras que as ajudassem a se tranquilizar e se

sentir acolhidas nesses momentos. Com ela aconteceu o mesmo que com a que não falava com os colegas. Por ter um comportamento agressivo e ameaçar os professores com palavras bem pesadas, eles passaram a deixá-la de lado por ter medo da reação dela em sala, que também assustava os colegas.

Houveram muitas situações envolvendo essa criança, eu mesma já fui ameaçada de morte com um compasso de ferro apontado para minha garganta e quem assistia essa cena eram os seus colegas de sala, esse foi o dia que chorei conversando com ela. Esse meu choro foi um choro de pena e compaixão por aquela exposição que ela estava tendo e que ela mesmo estava causando, ela gritava: “NINGUÉM ME ESCUTA, NEM MEUS PAIS ME ESCUTAM, EU TENHO UM PROBLEMA DE RAIVA E NÃO CONSIGO ME CONTROLAR”. Depois dessa fala o meu choro que estava engasgado escorreu e eu não consegui mais controlar a situação e passar a confiança que ela e os outros colegas que assistiam apavorados precisavam.

Logo o coordenador chegou na sala e eu saí para tentar me acalmar, mas até hoje, meu peito dói ao lembrar daquela situação. A pessoa que conseguiu acalmar essa criança foi a professora de Geografia que eu tinha citado, com um tom brando e um olhar atento, ela ouviu, acolheu e fez combinados, retornando com ela para sala, que permaneceu até a última aula.

A forma que essa professora atende seus alunos sempre me encantou. De todos os professores que passaram por mim naquela escola, ela era a que adaptava melhor as atividades e conseguia incluir verdadeiramente as crianças nas suas aulas. Não é à toa que essa criança se sentiu segura em compartilhar seu sentimento e controlar suas emoções quando ela chegou para ajudá-la.

Em suas aulas, ela trazia a atenção dos alunos, principalmente os com diagnóstico, para o que estava sendo explicado, sempre paciente e repetindo mais uma vez para esses alunos. Na realização das atividades, ela passava na maioria das mesas para tirar dúvidas e fazer junto com eles as questões que sentiam maior dificuldade. Durante as leituras dos textos, todos da sala poderiam participar e respeitava quem não quisesse participar da leitura naquele momento. Ela tinha um olhar mais atento para as questões emocionais das crianças, abaixava e conversava com eles quando percebia que não estavam bem, mesmo que aquilo lhe custasse alguns minutos da sua aula.

Essa turma que acompanhei por quase dois anos tinha uma pluralidade

de casos específicos, um dos alunos tinha diabetes tipo 1, sua insulina oscilava muito durante o dia, estando 40 em um certo horário e 250 pouco tempo depois. Ele tinha um aparelho que conseguia medir sua insulina apenas em encostar na outra parte que ficava no seu corpo, foi ensinado pelos pais a manusear o aparelho e quando se sentia mal, nos procurava e mostrava a medição, se estivesse baixa, comia uma barrinha de cereais que a mãe já deixava em sua lancheira por precaução, mas se estivesse muito alta, ia até à coordenação para tomar uma injeção com a medida que sua mãe indicava quando entrávamos em contato.

Essa criança costumava se sentir cansada durante as aulas e levava um tempo maior para conseguir copiar as atividades da lousa. Foram inúmeras às vezes que ele foi chamado atenção, de forma bastante ríspida, inclusive, por se atrasar. Ele não conseguia se expressar muito bem ou falar que não conseguia acompanhar por estar se sentindo mal fisicamente, muitos professores o pressionavam durante as aulas e acabaram passando, de forma indireta, para os seus colegas de sala que ele não conseguia se concentrar por conversar ou por estar fazendo qualquer outra coisa durante a aula, mas na maioria das vezes ele não conseguia por estar fraco e por isso, apresentava uma maior dificuldade em se concentrar.

Tudo que era passado na lousa poderia ser entregue para ele de forma impressa, ou até enviado por meio de fotos para os pais dele, que poderiam indicar que copiasse quando estivesse se sentindo melhor, até porque ele não demonstrava ter dificuldade de aprendizagem, sempre tirou notas boas, só precisava de um cuidado maior com o seu bem-estar em sala de aula.

Outra criança que fazia parte dessa turma e que acabou sendo uma das que mais me teve como adulta de referência em sala de aula, não apresentava nenhuma neurodivergência (característica neurológica diferente do padrão) ou questões de saúde, ela estava passando por um momento muito delicado em casa, pois seus pais estavam se separando e ela não estava conseguindo entender muito bem o que estava acontecendo.

Em alguns momentos ela me perguntava se eu achava que seu pai iria voltar para casa ou se eu teria ideia do motivo de ele estar demorando tanto para voltar. A professora regente demonstrava se incomodar com a postura dessa criança em sala, mas em nenhum momento foi até ela para escutá-la.

Antes de eu ter conhecimento do que estava acontecendo na sua vida particular, percebia que ela estava, na maior parte do tempo, com a cabeça baixa

durante as aulas e em um desses momentos pedi para ela me acompanhar até a parte de fora da sala para conversar sobre o que estava acontecendo, assim que a chamei, ela ficou preocupada, pois achava que seria para chamar sua atenção, assim como a professora já tinha feito, quando me abaixei e disse que tinha percebido ela triste e perguntei se estava bem, ela me abraçou e começou a chorar e soluçar, eu com os olhos já marejados sem saber o que tinha acontecido, apenas a abracei de volta e deixei ela se acalmar para falar a razão de todo aquele choro.

Após ela me explicar o que tinha acontecido, repassei para a psicóloga do setor para que tivesse uma conversa sobre o assunto com ela, alguns dias depois elas conversaram e ela parecia estar melhor em sala, mas ainda com um semblante triste e para ajudar, eu tentava trazer outros assuntos que ela se interessava durante as nossas conversas, para tentar tirar o foco do que ela estava vivenciando em casa, mas tinha dias que era realmente difícil, ainda mais por ela ser cobrada como se não estivesse fazendo por não querer.

Houve também, casos em que algumas crianças chegavam até mim com o choro engasgado pedindo para que eu explicasse mais uma vez o assunto da próxima prova, pois não tinha entendido e tinha medo de perguntar para a professora. Como estagiária e sabendo como os funcionários precisavam agir dentro daquela escola para que conseguisse se manter ali, não tive coragem de conversar com a professora sobre isso, pois já sabia que ela não iria reagir bem e isso acabaria comprometendo o meu estágio, e por necessidade, preferia ajudar seus alunos para que eles também não saíssem prejudicados, mas era difícil conseguir atender todas essas crianças, levando em consideração que eu estava ali para dar apoio para a criança que tinha diagnóstico e que, em alguns momentos, se desorganizava durante as aulas e eu precisava sair para realizar as suas atividades em outro ambiente.

Nesses momentos eu acabava questionando a minha capacidade, mas entendia que o que eu estava tentando fazer era preencher as lacunas que aquela professora estava deixando. Ser docente é muito mais que saber dar aula e transmitir conhecimento, é necessário que aquela criança esteja conseguindo compreender o que está sendo passado e o professor e a professora é o principal responsável por isso.

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da

prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho (...) É precisamente por causa desta habilidade de apreender a substantividade do objeto que nos é possível reconstruir um mau aprendizado, o em que o aprendiz foi puro paciente da transferência do conhecimento feito pelo educador. (FREIRE, 2011, p. 46-47).

Os dias em que passei estagiando nessa escola de grande nome me fez refletir sobre o lugar da criança dentro do planejamento dos professores durante o seu processo de aprendizagem. Nesse caso, a falta de um olhar individualizado para as crianças que estão nesse processo. Eu não esperava encontrar uma escola modelo, mas também não esperava sair tão frustrada com a experiência que tive.

Sei que não devo pensar que todas as escolas serão assim ou que a educação está fadada ao fracasso, até porque também tive experiências construtivas dentro daquele lugar. Esse é apenas o início das vivências que terei dentro de escolas, sejam particulares ou públicas e ser educadora requer de mim a esperança de que é necessário passar por dificuldades, mas que isso faz parte do processo de luta pela educação.

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria. (FREIRE, 2011, p. 49).

O que busco com o presente relato é apresentar, a partir das minhas experiências, como o aprendizado das crianças e suas necessidades têm sido postas em segundo plano dentro da sala de aula e como essas experiências não estão sendo efetivamente utilizadas para sua formação, mas apenas para cumprir o cronograma da escola. Propostas pedagógicas que buscam atender a grande pluralidade da turma, têm sido trocadas por atividades que atendem apenas uma parcela da turma, deixando de lado as necessidades das crianças que precisam de um suporte maior ou outra forma de apresentar o conteúdo para conseguirem compreendê-lo. É um desrespeito com a criança deixá-la sem as devidas condições para o aprendizado.

Em uma sala com quase 30 crianças e entre elas, mais de 3 diagnósticos, não existe a possibilidade de ao final da aula a maioria da turma ter compreendido o conteúdo dado para que o professor possa trazer a continuação na aula seguinte.

Enquanto aluna, senti o que assisti acontecer com várias crianças nesse período. O sentimento de ser pior que o outro coleguinha da sala e ver ele ser aplaudido e tido como exemplo para a turma enquanto não era nem olhado por ser

lido como incapaz de aprender, eu já senti e sei o quanto dói. Por ter estado nesse lugar, entendo o quanto é necessário ter professores que percebam e entendam que você precisa que ele repita a explicação mais vezes.

Mas aqui eu não pretendo somente mostrar as exigências necessárias para ser um bom professor, entendo o quanto a nossa classe enfrenta dificuldades em escolas particulares (ressalto por ter vivenciado essa experiência), em tentar fugir do que as escolas impõem como modelo de ensino e serem obrigados a seguir um cronograma que ao invés de facilitar o processo de aprendizagem faz o contrário, contribuindo pouco com o seu desenvolvimento, e assim faz parecer que aquelas crianças são robôs que armazenam tudo que lhes é apresentado e da forma não totalmente correta.

Também sei que muitos acabam se adaptando àquilo para conseguir se manter na instituição de ensino, às vezes por ter filhos bolsistas naquela escola e a educação deles depender disso, outras vezes por estar passando por situações difíceis e saber que não conseguirá outro emprego com o mesmo salário que recebe ali. São muitas as questões que podem explicar o motivo da acomodação de muitos professores em escolas como a que trabalhei, questões essas que são até compreensíveis, levando para a realidade de cada um, mas que acabam colaborando para que muitas crianças passem a não se sentirem confortáveis no ambiente escolar e aos poucos passem a não verem sentido em estarem ali ou em aprender, já que não conseguirão ser bons alunos e, posteriormente, adultos fracassados.

Numa sociedade democrática todos lutam por ter seus direitos garantidos. Sendo assim, as escolas e os sistemas educacionais precisam se preparar para pensar em novas propostas pedagógicas e currículos que levem em consideração os conhecimentos e saberes dos diversos sujeitos que têm acesso à escola. (ALMEIDA, 2021, p. 169).

A escola precisa ser, sobretudo, um lugar em que todos possuam a mesma oportunidade de se desenvolverem, mesmo que de formas diferentes ou em tempos diferentes, sem deixar que nenhum aluno seja ignorado por ser diferente e nem que se sinta culpado por isso.

Quando um aluno não consegue aprender, abandona os estudos ou se interessa pouco pela escola, considera-se que são problemas individuais dele, descartando-se outras explicações como as condições socioeconômicas, a desigualdade social e a responsabilidade da própria escola. Esta é uma visão conservadora da escola. Na verdade, entendê-la como meio de adaptação à sociedade vigente é acreditar que esta é boa, justa, que dá oportunidades iguais a todos; que o sucesso na vida depende

somente das aptidões e capacidades individuais; que o aproveitamento escolar depende exclusivamente do esforço individual do aluno. Esta idéia não corresponde à realidade. (LIBÂNEO, 1994, p. 36).

Em sala de aula já ouvi uma criança dizer em alto e bom som que não seria ninguém, pois não conseguia tirar boas notas e por isso, teria que morar na rua. Seus colegas, que ouviram sua fala, riram e ele tentou rir junto, mas pude perceber seu semblante de tristeza e preocupação ao expressar aquilo. Essa não foi a única vez que ouvi ele falando isso e também não foi a única criança que ouvi falar isso.

Assistir que eles tão pequenos já perderam a confiança em si por falha de outros, me deixa inconformada. E quando digo outros, incluo o Estado, os pais e comunidade em que está inserido, além da escola, levando em consideração que a nossa Constituição de 1988 garante que “A educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade (...)”. (BRASIL, 2016, Art. 205).

Percebo ser necessário, antes de mais nada, que a relação entre professor e aluno seja afetiva e que não haja um sentimento de superioridade entre as partes. Para a criança entender que aquele adulto não é alguém que está ali apenas para avaliá-la ou ditar regras a serem seguidas, mas para acompanhá-la durante seu processo aprendizagem e buscar tornar aquele processo mais leve, mais proveitoso e transformar sua visão sobre a escola de modo geral. A vontade de estar naquele ambiente permanece e a vontade de aprender se torna ainda maior.

Algumas experiências que vivi durante meus últimos dias de estágio nessa escola deixaram tudo isso muito evidente para mim. Uma das professoras do segundo ano precisou se ausentar das suas atividades por um mês para poder fazer uma cirurgia que não podia mais ser adiada, ela estava precisando fazê-la há muito tempo, mas não queria deixar sua turma por tantos dias com outra pessoa que não os conhecia, mas como seu estado de saúde piorou, não conseguiu mais esperar e teve que marcar a cirurgia com urgência.

Essa professora sempre teve o tom brando e uma forma doce de lidar com os seus alunos. Sempre respeitou as dificuldades daquelas crianças e acompanhava de forma individualizada as crianças que ainda não sabiam ler e escrever.

Vale ressaltar que essas crianças que hoje (2023) estão no segundo ano,

estiveram isoladas, sem vivências escolares durante a pandemia nos dois últimos anos da Educação Infantil, e isso trouxe diversas consequências na socialização dessas crianças, além das consequências pedagógicas. Algumas dessas crianças não sabiam brincar em grupo, demonstravam dificuldade em socializar, então sempre havia conflitos durante o recreio, que perduravam até o início da aula seguinte e a professora precisava intervir, pois não conseguiam chegar em um acordo sozinhos.

Durante as aulas eles se expressavam muito, uma grande parte da turma participava da aula, até os que ainda não estavam na fase alfabética gostavam de comentar algo, mesmo não conseguindo acompanhar os textos que eram lidos. E foi nesse cenário que a professora da turma os deixou por um tempo para poder cuidar da sua saúde.

A primeira professora a assumir o lugar dela chegou com uma postura um pouco mais rígida e de cara, já teve diversos problemas com as crianças e com os pais dessas crianças, pois esses acompanhavam de perto a vida escolar dessa turma, não apenas a do seu filho, como também dos demais colegas, pois pelo que eu soube, estão juntos desde o infantil e, apesar do período da pandemia, esses pais formaram um laço de afeto por conta de seus filhos.

Essa professora substituta ficou com eles durante uma semana e desde os primeiros dias a coordenadora recebeu reclamações dos pais em relação ao modo que ela estava lidando com as crianças em sala. Os deixava sem intervalo, não os dava voz durante as aulas e qualquer manifestação dos alunos era lida como bagunça, então muitas dessas crianças chegavam em casa tristes e contavam sobre a experiência ruim que estavam tendo em sala de aula, o que fez alguns pais deixarem de mandar algumas crianças para a escola até que a direção da escola mudasse de professora.

Foi quando a coordenadora me chamou para conversar e relatou tudo o que estava ocorrendo com a turma, falou que tinha pensado em mim por perceber que o meu perfil era bem semelhante ao da professora titular e que poderia me relacionar bem com aqueles alunos e me fez um convite para assumir até a professora oficial retornar às suas atividades.

Como eu já tinha ministrado algumas aulas para aquela turma em outros momentos, resolvi aceitar, até para poder me autoavaliar durante aquela experiência. Confesso que cheguei um pouco receosa, apesar de já ter feito aquilo

em outro momento, mas naquele eu estava me sentindo observada e testada, levando em consideração que as crianças, os pais e a coordenação tinham acabado de passar por uma experiência ruim com outra professora.

Comecei observando como era o funcionamento daquela turma para poder encontrar um norte de como eu deveria agir ali. As primeiras crianças que vieram até mim, se mostraram curiosas, já me encheram de questionamentos e nesse momento pude conhecer um pouco mais da personalidade da maior parte delas e a partir disso, planejar como seriam minhas aulas. Ao final do meu primeiro dia com a turma, pedi um *feedback* sobre o que eles tinham achado da minha aula e fiquei muito feliz por terem me dado um retorno positivo.

Durante a semana, as crianças que tinham deixado de ir à escola por não se sentirem bem com a outra professora, aos poucos foram voltando a frequentar as aulas e isso aqueceu mais meu coração. Por mais que eu não estivesse 100% pronta para assumir uma turma, essa experiência me trouxe muitos aprendizados. O primeiro deles é que nem sempre uma professora com mais anos de experiência vai conseguir se adequar a uma turma melhor que quem acabou de começar. O segundo é que, enquanto professores, precisamos nos adaptar às necessidades da turma em que vamos ministrar aula, independente de metodologias pré-estabelecidas.

O terceiro, e aqui eu encerro para não me prolongar, é que realizar a escuta e a observação da turma é fundamental e necessária para se conseguir aplicar um plano de aula eficaz, afinal, ensinar não é uma receita de bolo que basta segui-la para ter um bom resultado.

Após as três semanas que passei com aquela turma, a professora, felizmente, voltou para continuar fazendo o bom trabalho que já fazia antes de se ausentar. Quando a encontrei ela agradeceu por eu não ter deixado aquelas crianças desamparadas de atenção e cuidado, não era uma turma fácil, se é que uma turma assim existe. Mas os dias que ali passei, pude aprender bem mais do que ensinar, disso eu tenho certeza.

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, aprendendo, ensina, daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de matérias; implica, em função de seu caráter diretivo, objetivos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra. (FREIRE, 2011, p. 47).

Outro exemplo que observei nesse estágio foi a diferença de tratamento de dois professores da mesma matéria em uma turma de quarto ano. Como já citado, eu criei um vínculo com a maioria das crianças da turma da criança que eu acompanhava e sempre conversava com elas sobre seus sentimentos e dificuldades. Em muitas dessas conversas, havia uma comparação entre os dois professores de matemática, um ficava responsável por aplicar o livro didático e o outro um caderno de atividades, que era um compilado de questões de olimpíadas e questões feitas pela equipe de matemática do setor.

O professor que aplicava o livro didático tinha mais aulas com a turma, se não me falha a memória, eram 4 aulas semanais dele e 2 aulas semanais do outro professor. O primeiro tem formação em pedagogia e especialização em matemática e o segundo tem formação em matemática. Era absurda a diferença do funcionamento das aulas dos dois. Enquanto um era colocado em um pedestal e as crianças esperavam ansiosas para ter aquelas aulas, o outro, gerava medo e insegurança naquelas crianças.

Durante a troca de professores, eu costumava ficar na porta para conseguir organizá-los para receber os próximos professores enquanto eles chegavam, quando eu avisava que o professor que eles tinham medo estava chegando, não restava um que ficasse de pé, conversando com o colega e sem o livro em cima da mesa, parecia que eu estava vindo um capitão e as crianças eram os seus soldados (coincidência ou não, esse professor também ensinava em uma escola militar de Fortaleza), eu ficava super preocupada em ver aquelas crianças precisando seguir aquele comportamento para que não fossem punidas de alguma forma.

Houve uma aula que ele se atrasou alguns longos minutos e por conta disso, as crianças iriam ficar sem intervalo naquele dia, quando isso foi dito por ele, as crianças entraram em desespero e começaram a me chamar para ter certeza se seria aquilo mesmo ou não. Como eu não poderia rebater aquela atitude com ele, porque nem eu tinha liberdade de conversar direito com esse professor, aconselhei que uma das crianças que vieram me perguntar se aquilo realmente iria acontecer, levasse esse questionamento para a coordenadora e assim aconteceu, pouco tempo depois que a criança voltou para a sala, a coordenadora o chamou para conversar fora da sala e disse que ele não estava autorizado a fazer isso, pois o erro dele não poderia prejudicar aquelas crianças.

Quando começou o intervalo, quase todas as crianças da sala vieram comentar sobre o que tinha acontecido e algumas até choraram de raiva por ter ele como professor. E nesse momento ficou evidente que não basta você ter um doutorado se não consegue, ao menos respeitar o direito da criança de ter um momento para lancha e brincar.

O outro professor da mesma disciplina nunca precisou levantar a voz para qualquer criança para chamar a atenção, sempre utilizou da escuta para entender as dificuldades dos alunos naquela matéria e eu sempre achei isso muito perspicaz da parte dele, levando em consideração que matemática já é naturalmente uma matéria que tem uma difícil compreensão, se não ensinada da forma que a criança aprende.

Isso me fez enxergar que, infelizmente, a grande maioria dos professores que vem das licenciaturas específicas não consegue trabalhar tão bem com as diferentes formas de aprender aquele conteúdo e infelizmente, nós, pedagogos, estamos perdendo nosso lugar nos anos iniciais para dar lugar para esses professores das disciplinas específicas.

De todos os professores das séries de quarto e quinto ano, apenas duas professoras tinham graduação em pedagogia e, por turma, as crianças tinham, pelo menos, 6 professores e alguns deles não se repetiam em turmas de mesma série. O que me preocupa em toda essa situação é que pouco é ensinado sobre ensinar nas outras graduações, então dificilmente eles conseguem trazer coisas novas para sala de aula, coisas que tornem as aulas mais lúdicas, que traga o conteúdo para mais perto da realidade da criança, se tornando mais palpável tudo aquilo que está sendo ensinado para elas.

Se a criança aprende brincando, por que se limitar aos livros didáticos para explicar um conteúdo? Sei que existe que existem algumas dificuldades para que essas atividades experimentais sejam feitas nas escolas, muitas vezes faltam os materiais necessários, o apoio da coordenação da escola e trazendo para a pedagogia, falta o aprofundamento sobre o conteúdo ministrado para que se possa pensar em atividades diferenciadas. Essa falta de conhecimento necessário acaba deixando muitos professores presos e limitados aos livros didáticos da escola e isso acaba prejudicando a formação das nossas crianças.

Os alunos aprenderiam melhor se, em vez de gráficos geométricos, eles fossem instruídos na arte da navegação. Da física passamos à história, a influência de Veneza, dominadora do Mediterrâneo com seus barcos, sobre a tecnologia lusitana de construção de caravelas. Da história para a astronomia, a ciência da orientação pelas estrelas. O astrolábio. A bússola.

Daí, para esses assombros simbólicos chamados mapas - que só fazem sentido para o navegador se ele conhecer a arte de se orientar, a direção do norte, mesmo quando nada pode ser visto, a não ser o oceano que o cerca por todos os lados. (Olhando para a lua, de noite, você é capaz de dizer a direção do sol?) Dos mapas para a literatura, a “Carta de Pero Vaz de Caminha”, a poesia de Camões, a poesia de Fernando Pessoa. (ALVES, 2005, p. 61).

É evidente que esse modelo de ensino que Rubem Alves (2005) cita em seu livro é improvável de ser posto em prática na maioria das escolas do Brasil, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. As crianças estão sendo treinadas, desde esse período escolar, para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fora as provas de avaliação que acontecem ainda no Ensino Fundamental, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará (SPAEB) que acontecem nas escolas públicas e, por ter premiações para as escolas que atingirem as melhores notas, existe uma pressão, por parte dos coordenadores, para que os professores deem maior importância aos conteúdos que vão estar presentes nessas avaliações.

Isso mostra a grande influência que o sistema tem sob a atuação dos professores em sala de aula. Fica difícil aplicar o que aprendemos nas aulas da faculdade quando nos deparamos com a realidade das escolas, planejamentos feitos antes dos professores conhecerem as turmas, educação voltada para provas que aumentam a pontuação e visibilidade das escolas e, tudo isso acaba colaborando para os professores se rendam ao sistema que não investe em uma formação continuada nas escolas para conseguirem atender de forma mais ampla seus alunos com suas necessidades específicas de forma eficaz.

Percebo que as escolas brasileiras, tanto as da rede pública de ensino quanto as da rede particular, têm se empenhado em cumprir os dispositivos legais no que diz respeito à educação inclusiva, matriculando e recebendo alunos com algum tipo de deficiência. A Declaração de Salamanca, proclama que:

(...) cada criança tem o direito fundamental à educação e deve ter a oportunidade de conseguir e manter um nível aceitável de aprendizagem, cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias, os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades, as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares, que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades, as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva,

constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos; além disso, proporcionam uma educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo-qualidade, de todo o sistema educativo. (SALAMANCA, 1994, p. 1).

Porém, ainda há um abismo entre o que é realizado atualmente e o que seria ideal para podermos diminuir ou erradicar qualquer tipo de exclusão pedagógica. O ideal seria que os professores estivessem capacitados para receber essas crianças em suas turmas, não apenas com o cuidado, mas estando atento às suas questões pedagógicas e desmistificando a ideia de que aquela criança com nível de suporte mais elevado frequenta a escola apenas para aprender a socializar com as outras crianças.

O tempo em que estive na escola que estagiei, pude observar um certo desleixo com as crianças que não acompanhavam o nível da turma. Como já citei em outro momento, houveram ocasiões em que precisei auxiliar alguns outros alunos, pois precisavam de mais suporte do que a criança que eu acompanhava e, como eles não poderiam ficar sozinhos durante as aulas, quando os estagiários que os acompanhavam faltavam, eu era chamada para assisti-los.

Esses dias sempre eram mais cansativos e estressantes para mim, por mais que eu estivesse acostumada com a rotina da escola, cada criança que era acompanhada tinha a sua própria rotina, alguns precisavam lanchar em horários diferentes por conta do barulho que fica nos espaços da escola durante o intervalo, também tinha os que não podiam ver os outros colegas comer que tomavam o lanche das mãos deles, outros precisavam ficar fora da sala durante toda a aula e apenas na hora do intervalo fazer as atividades, fora a atenção redobrada com os que tinham o hábito de brigar com os outros colegas.

Não foram experiências fáceis, e nunca imaginei que seriam. Mas, para além das questões comportamentais, nessa escola, esses alunos não recebiam a atenção necessária dos professores da turma e da coordenação, deixando a responsabilidade, quase inteiramente, nas mãos dos estagiários que os acompanhavam.

Ao que diz respeito às atividades preparadas para as crianças que não acompanhavam os livros didáticos da escola, eu e os outros estagiários sempre estávamos questionando o motivo dessas atividades serem tão distantes do que as

crianças acompanhavam, estando tanto com níveis pedagógicos bem acima do que elas conseguiam fazer como com níveis bem abaixo. Vendo aquela situação, muitos dos estagiários preparavam as próprias atividades em casa, em um horário que poderia estar estudando ou até em sala de aula na faculdade, mas por perceber a necessidade de ter uma atividade que acompanhasse o nível daquelas crianças e por terem comprometimento com a educação, acabavam fazendo.

Alguns professores até tratavam como se fosse nossa função planejar atividades para essas crianças, não que não pudéssemos auxiliá-los durante o planejamento dessas atividades, mas raramente procuravam ter uma troca de ideias para que criássemos juntos. A coordenação, nem mesmo passava o planejamento das aulas para que essas atividades fossem feitas com mais calma, tudo sempre foi feito às pressas e deslocado do planejamento geral da turma.

As atividades que eram planejadas pelos professores para as crianças realizarem em coletivo, dificilmente conseguiam incluir esses alunos e eles acabavam fazendo sozinhos, quando conseguiam acompanhar o nível da atividade, caso contrário, eram colocados para pintar desenhos ou eram liberados para andar pela escola.

Entendo que o professor já possui uma sobrecarga de trabalho com planejamento de aula, criação de provas avaliativas, correção de provas, reuniões de pais e de professores, formações aos finais de semana, entre outras atividades, mas não consigo achar justo e funcional um planejamento limitado aos alunos “padrões”. Muito se fala sobre as limitações pedagógicas das crianças, mas, na verdade, o que deveria estar sendo feito era uma análise sobre os planejamentos limitados que têm sido postos em sala de aula.

É evidente que as escolas precisam fazer sua parte e preparar e disponibilizar os materiais necessários e uma flexibilidade de tempo para que esses planejamentos pedagógicos inclusivos sejam realizados de forma efetiva, além de oferecer um ambiente favorável, dispor de tecnologias básicas e investir em formação de professores direcionada para a inclusão, demonstrando como trazer essas práticas pedagógicas inclusivas para dentro da sala de aula. Dessa maneira, teremos uma forma de possibilitar a educação inclusiva adequada.

As dificuldades apresentadas na minha experiência escolar podem ser vistas ainda hoje, com os mesmos desafios sendo enfrentados pelos professores e pelas crianças, porém, hoje a classe docente e as escolas estão tendo a

possibilidade de obter mais acesso à informação, com isso, entendo que a educação inclusiva não é mais algo tão difícil e distante da nossa realidade.

Enquanto aluna, pude sentir e assistir às consequências de uma educação excludente e pouco preparada para lidar com a diversidade que existe dentro das salas de aula de escolas e universidades e por esse motivo, senti necessidade de buscar mais sobre essa temática e, posteriormente, durante meu estágio não obrigatório, tive a oportunidade de observar de forma mais profissional e atenta situações delicadas que poderiam ter sido evitadas, caso houvesse mais sensibilidade e conhecimento de estratégias inclusivas oferecidas pelos professores e pela gestão da escola.

Porém, acredito que, para que isso seja possível, é necessário que além dos esforços dos professores, haja também a dedicação dos órgãos governamentais e das escolas para que esse trabalho seja realizado de maneira eficiente e com o amparo que esses docentes precisam.

A conquista dessas condições passa necessariamente pela elaboração de um projeto educacional coletivo, com a participação de todos os integrantes da escola. Esse projeto pressupõe, antes de tudo, a participação de educadores comprometidos com uma prática educacional orientada por concepções otimistas sobre o potencial educativo de todos os alunos, especialmente dos alunos com necessidades educacionais especiais. Para que isso ocorra, é necessária uma formação docente que ofereça competência técnica e compromisso profissional, fato que encaminha essa reflexão ao entendimento da importância de articular políticas de inclusão desses alunos com políticas de formação docente. (BRASIL, 2006, p. 9).

3 O OLHAR DOCENTE SOBRE A PRÁTICA DA INCLUSÃO NA SALA DE AULA: DESAFIOS E DIVERSIDADE

Nesta seção apresentarei a entrevista realizada com dois educadores, por sentir necessidade de entender como as suas práticas pedagógicas foram construídas, quais as suas observações sobre o seu ambiente de trabalho e quais as suas maiores dificuldades em relação à inclusão durante o planejamento e a execução das atividades em sala.

3.1 ENTREVISTA COM OS DOCENTES

Para essa pesquisa busquei contato com a professora de Geografia que citei acima e aqui a chamarei de Ana para que a sua identidade seja preservada. Ana tem formação em Geografia e 20 anos de sala de aula. A mesma conta que desde criança demonstrou ter vocação para ser professora e sempre gostou de se comunicar. Para ela, brincar de ensinar era uma diversão. Também entrevistei outro professor, que usarei o nome fictício Bruno, da rede pública de ensino de uma escola de Fortaleza há um ano, com formação pela Universidade Federal do Ceará em Contábeis e Pedagogia. Antes de assumir como professor concursado, ele estagiou na mesma escola que eu cito em meus relatos, então, a fim de saber se as dificuldades são as mesmas e o que muda nas duas realidades, além das diferentes formações e tempo de sala de aula, refiz as mesmas perguntas que utilizei com a Professora Ana.

Ao perguntar para Ana se ela teve alguma formação voltada para a educação inclusiva ao longo de sua graduação ou durante seus anos trabalhando em escolas, ela respondeu que não e acrescentou que essa formação seria fundamental para tirar algumas dúvidas em relação a como atuar com cada aluno, pois todas as estratégias que usa são feitas com base apenas nas vivências que já teve em sala de aula.

Bruno, diferente de Ana, respondeu que cursou duas disciplinas durante sua formação no curso de pedagogia, Educação Especial (EE), componente obrigatório no currículo do curso, e Educação Inclusiva (EI), disciplina optativa, mas contou que, por mais que tenha aprendido sobre o assunto, nenhuma dessas disciplinas o prepararam para estar em uma sala de aula real propondo atividades

que todos pudessem participar, pois, além de ter feito essas disciplinas de forma *online*, por conta da pandemia, essas disciplinas não o ensinaram como incluir os alunos em sala.

As respostas dadas por esses professores no primeiro momento da entrevista já trazem duas problemáticas relevantes para compreender o motivo de, muitas vezes, o professor ter dificuldades em ministrar aulas inclusivas. Ambas estão voltadas para a formação acadêmica do professor. A primeira é a falta de disciplinas pautadas na educação inclusiva nas graduações de licenciatura. Entende-se que ao terminar sua graduação, o professor já sai pronto para atuar em sala de aula, mas hoje, são raras as turmas que não tem uma criança que precisa de um auxílio para ser incluída, seja no aspecto social ou pedagogicamente, então, não é possível que esse preparo seja considerado, de fato, completo.

A segunda é que, mesmo com disciplinas voltadas para esse assunto no currículo, as aulas não trazem o que os professores, enquanto estudantes, precisam para montar seu planejamento de forma inclusiva, demonstrando uma falta de conexão entre o que é ensinado nas disciplinas e o real.

É importante entender que a Educação Inclusiva não está voltada apenas para crianças que possuem deficiência física ou intelectual, por esse motivo, o olhar atento do professor e a sensibilidade é fundamental para poder identificar as limitações e necessidades dos seus alunos, de modo geral. Quando perguntados quais eram as crianças público-alvo da Educação Inclusiva, os professores responderam:

Alunos que têm dificuldades de aprendizagem e com limitações no processo de desenvolvimento. (Ana).

Os alunos que não sabem ler, os que não tem suporte necessário em casa e os alunos que são público alvo da educação especial. Caso o aluno não apresente facilidade intrínseca no aprendizado, torna-se muito difícil o acompanhamento nas aulas e nas atividades, se não tiver o apoio da família ou de outro tipo de suporte fora da escola. O aprendizado é um conjunto de esforços, salvo em casos pontuais de crianças que têm muita facilidade de aprendizagem, todas as outras vão precisar complementar o que foi visto na escola fora dela. (Bruno).

Ambos reconhecem que a dificuldade de aprendizagem não está diretamente ligada a um diagnóstico médico, o que o professor Bruno trouxe sobre o acompanhamento fora da escola é bastante perspicaz, quando ele fala que o processo de aprendizagem necessita de um conjunto de esforços, também coloca a responsabilidade da qualidade do ensino na família, pois a falta de um

acompanhamento em casa, atrapalha a sequência do desenvolvimento que a criança precisa para construir conhecimento.

Sobre fazer um trabalho voltado para as crianças com deficiência, especificamente, quis saber das principais dificuldades e desafios enfrentados pelos professores e tive as seguintes respostas:

A falta de formação, de recursos e a falta de tempo para planejar aulas e preparar material didático. (Ana).

Primeiramente, ter tempo para identificar todas as dificuldades, o que demanda um trabalho individualizado difícil de ser realizado devido a uma quantidade excessiva de alunos em sala de aula. (Bruno).

A professora destaca como os desafios do professor ao trabalhar com crianças com deficiência, evidenciando o desamparo da classe docente, muitas vezes sendo considerada como única responsável pelo percurso formativo de seus alunos. A falta de tempo foi citada pelos dois, e é uma realidade no dia a dia dos professores, a grande maioria leva trabalho para casa todos os dias e a jornada de trabalho acaba sendo bem maior e mais cansativa do que deveria, tornando isso, inclusive, uma explicação para a dificuldade de planejar atividades secundárias que incluem todos os alunos e produzir materiais didáticos.

Outro ponto importante citado por Bruno é a quantidade excessiva de crianças que as salas de aula apresentam. A maioria das turmas de Ensino Fundamental anos iniciais da cidade de Fortaleza têm entre 20 e 30 alunos matriculados, esse é um fator que deve ser levado em consideração, pois, para que uma atividade seja planejada de forma funcional, é necessário que o professor consiga conhecer os alunos e analisar seu desenvolvimento, para, enfim, conseguir identificar suas dificuldades e fazer um planejamento que leve tudo de foi observado em consideração.

Entretanto, por mais que as dificuldades sejam muitas e as explicações sejam válidas, é fundamental que esse trabalho, ainda que cansativo, não deixe de ser feito, pois as crianças não devem ser prejudicadas pelas péssimas condições de trabalho que as escolas oferecem aos professores e esse é um dos motivos que muitos docentes se submetem a continuar trabalhar nessas condições.

Seguindo com as perguntas, pedi que falassem sobre suas práticas pedagógicas inclusivas que eles costumam aplicar durante suas aulas e as respostas foram:

Uso da tecnologia, incentivar a socialização com atividades em grupo,

jogos, etc. (Ana).

Geralmente, os jogos são a ferramenta que mais aproxima alunos neurotípicos dos neuroatípicos, pois mesmo que não realizem a atividade com o mesmo objetivo pedagógico, é possível ver um esforço a mais por se sentirem incluídos no grupo. (Bruno).

Buscando envolver todos os alunos, os professores usam como estratégias a utilização de jogos em grupo e que, de fato, é uma ótima ferramenta de inclusão por ser algo diferente das aulas tradicionais, os deixam curiosos e gera uma interação natural entre eles, porém, nessas atividades, as crianças que possuem sensibilidade sonora, normalmente não conseguem participar, principalmente porque as outras crianças ficam bastante eufóricas e acabam aumentando o tom da fala durante a realização desses jogos.

Portanto, é interessante que o professor converse com a turma e peça para que não se excedam no momento em que eles estiverem jogando. Quanto ao uso da tecnologia, às escolas particulares estão em vantagem em relação às instituições públicas, que não possuem acesso a esses recursos na mesma proporção.

Em relação a esses recursos oferecidos pelas escolas em que trabalham busquei saber se recebiam os materiais necessários para utilizar em sala, se essas escolas possuem ambientes adequados para conseguirem trabalhar de forma inclusiva e se recebem apoio de terceiros no momento das aulas, então responderam que:

Acredito que ainda faltam mais espaços de acolhimento, uma maior adaptação na infraestrutura e também adaptação de material didático. (Ana)

Não. A rede pública nem sempre oferece pessoas que vão auxiliar o professor no acompanhamento de alunos que são público alvo da educação especial, assim como outros alunos que apresentam com mais dificuldades, demandando muito do professor regente lidar com esse público, além dos alunos considerados típicos, que também tem suas individualidades. (Bruno).

A resposta destes professores para essa pergunta teve focos diferentes. A professora Ana chamou mais a atenção para as questões estruturais e para a falta de adaptação dos materiais didáticos, pois de fato, os espaços da escola que ela trabalha e que já estagiei não são preparados para receber crianças que possuem maiores necessidades de adaptação, infelizmente, lá não há a segurança e o conforto necessário.

Sobre a adaptação de materiais didáticos, como os níveis de conhecimento são bastante variados, fica realmente difícil que a escola prepare um material específico para a individualidade de cada aluno, então a coordenação solicita que os professores produzam atividades exclusivas conforme o nível de conhecimento deles, porém, como são raros os momentos que os professores têm com essas crianças, eles não conseguem elaborar essas atividades e quem assume essa função é o estagiário ou a estagiária que os acompanha.

Já o professor Bruno se queixa, justamente, de não ter o suporte que as escolas particulares oferecem. A quantidade de agentes de inclusão nas escolas públicas é bem menor que a quantidade de alunos que precisam desse auxílio e isso interfere diretamente na qualidade de ensino dos professores da rede pública, pois acabam sofrendo uma sobrecarga.

Por mais que ele não tenha citado, as escolas da prefeitura também sofrem com a falta de materiais que ajudam no processo de inclusão. Em outro momento de partilha, Bruno compartilhou que nem papel sulfite a escola estava conseguindo disponibilizar para os professores, pois fazia tempo que a escola não recebia esse material.

Também procurei saber se, para eles, as suas escolas de atuação se preocupam verdadeiramente com a qualidade de ensino para com os alunos, público-alvo de inclusão e ele responderam o seguinte:

Vejo sim uma preocupação, eles participam das atividades oferecidas pela escola junto com os outros alunos e desempenhando tarefas de acordo com suas possibilidades. Isso ajuda muito na interação social. Alguns professores se preocupam realizando a adaptação de atividades e incluindo esses alunos nas atividades do cotidiano, mas não são todos que fazem isso. (Ana).

A aprovação automática e o fato de esses alunos (laudados) não contarem nos resultados das avaliações externas faz com que muitas vezes sejam deixados de lado pela gestão da escola, havendo menos cobrança no professor, dependendo exclusivamente dele a responsabilidade de lidar com esse aluno. (Bruno).

Enquanto estagiei na mesma escola em que a professora Ana trabalha, também pude perceber uma certa preocupação com a qualidade de ensino dessas crianças, mas sentia que aquilo era mais motivado pelas cobranças e expectativas dos pais do que sentido de forma genuína. Muitos dos professores de lá não conseguiam lidar muito bem com as questões de algumas crianças e, muitas vezes, transferiam a responsabilidade pedagógica delas para os estagiários.

O professor Bruno cita que, por terem a aprovação garantida, isso traz certa tranquilidade para a gestão da escola e, por não serem cobrados pelo rendimento dessas crianças, os professores acabam deixando de lado os alunos laudados.

Para finalizar a entrevista, pedi para que me dissessem o que faz a educação ser, de fato, inclusiva e essas foram as respostas:

Para a educação ser inclusiva ela deve respeitar as diferenças, oferecer atividades que todos possam realizar, ter a participação da família e oferecer um ambiente acolhedor. (Ana).

As salas muito numerosas e heterogêneas dificultam uma experiência de fato inclusiva na educação. Ter uma sala heterogênea em si não é algo ruim, pois alunos com mais dificuldades podem se beneficiar com as contribuições dos alunos que têm mais facilidade no aprendizado, mas a quantidade excessiva de estudantes impede que aqueles que precisam de um auxílio mais próximo recebam a atenção necessária para o seu desenvolvimento ideal. (Bruno).

Portanto, considero que as respostas que obtive durante as entrevistas foram satisfatórias para que eu conseguisse compreender como foram construídas as boas práticas pedagógicas da professora Ana e saber sobre as diferentes realidades das escolas públicas e privadas a partir das respostas do professor Bruno. Como também pude ouvir sobre seus desafios e dificuldades relacionados a falta dos recursos necessários para conseguir adaptar e incluir todos os alunos nas suas aulas, me possibilitando entender melhor como tem sido realizada a Educação Inclusiva em diferentes escolas.

4 CONCLUSÃO

Com base no que foi relatado sobre as práticas pedagógicas inclusivas observadas ao longo dos anos, nos ambientes de ensino que estive inserida, percebo que ainda existem muitas lacunas a serem preenchidas.

No contexto acadêmico, dentro da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, consegui identificar diferentes situações envolvendo alunos que precisavam de um maior suporte durante as aulas por conta de suas dificuldades individuais, e assim, conseguem finalizar o semestre e serem aprovados, mas muitos não tiveram esse apoio e compreensão dos professores, o que tornou a graduação ainda mais desafiadora para esses discentes.

Nesse viés, pude refletir e o que me leva a crer que nem dentro da faculdade, que nos ensina a ser professores, temos práticas pedagógicas inclusivas capazes de servir como exemplo para forma que devemos agir como nossos futuros alunos, vinda de todos os docentes. E isso pode refletir de modo direto na nossa formação, pois, além de termos apenas duas disciplinas voltadas para a inclusão no nosso curso, sendo elas Educação Especial e Educação Inclusiva, além da disciplina de Língua Brasileira de Sinais, que está mais voltada para o ensino da língua, essas atitudes excludentes contribuem para a invisibilidade dos alunos, indo na contramão da ideia de que, enquanto professores, precisamos ser flexíveis diante das mais diversas dificuldades dos nossos alunos.

Fazendo uma comparação do meu período escolar com o que foi observado durante o tempo que passei estagiando em uma escola particular, ao que se refere à inclusão, muitas coisas mudaram, além de haver um número maior de crianças diagnosticadas nas turmas, também há uma maior aproximação entre essas com as demais. Então, por mais que o ambiente escolar traga consigo muitas dificuldades, a curiosidade e a inocência das crianças colaboram para que o ambiente da sala de aula se torne um espaço com menos julgamentos e seja um lugar mais agradável para todos, mesmo com toda diversidade.

Porém, também pude perceber a importância do papel do professor para além do ensino e o quanto é necessário que os professores busquem estar mais atentos e sensíveis às dificuldades de seus alunos, não apenas para os que possuem deficiência física ou intelectual, como também para os que não conseguem se desenvolver socialmente sozinhos ou os que não recebem incentivo de casa e

deixam de acreditar no seu potencial, além dos que sofrem com as consequências da pobreza e tantas outras questões que perpassam a vida dessas crianças de forma individual e que interferem diretamente no seu desenvolvimento pedagógico.

Desenvolver práticas pedagógicas inclusivas demonstra essa sensibilidade e atenção necessária para que nenhuma criança se perca no meio do caminho por falta de incentivo do professor, visibilizar e levar em consideração a existência das diferentes formas de aprender e, assim, facilitar o processo de aprendizagem das crianças é um ato democrático e essa ação consegue mudar a vida de alguém.

Entretanto, a partir das falas dos professores entrevistados, que trazem exemplos de suas respectivas realidades, ficou evidente que fatores muito importantes dificultam a execução dessas práticas pedagógicas inclusivas. O pouco tempo de aula para entregar os conteúdos conforme o planejamento das escolas e o número excessivo de alunos por turma, caracterizam a precária condição de trabalho dos professores, o que também pode explicar a realidade das salas de aula da nossa cidade. Assim como a falta ou insuficiência de formação direcionada para a diversidade de alunos, relatada por ambos professores, tanto durante a graduação quanto nas escolas.

Esse fator, certamente, torna a educação inclusiva pouco possível de ser realizada, não podemos esperar que casos como o da professora de geografia, de ter práticas pedagógicas mesmo sem a formação adequada, seja a realidade das nossas escolas, portanto, como professores, devemos cobrar essa formação dos órgãos governamentais e da direção das escolas, para termos melhores condições de trabalho e possamos proporcionar uma educação de qualidade para todos.

Durante a elaboração desse trabalho de conclusão de curso, meu estágio na rede pública de ensino, que também faria parte desse relato de experiência, precisou ser adiado, pois a professora da disciplina de Estágio no Ensino Fundamental precisou entrar de licença, isso acabou impedindo que o que foi vivido durante essa experiência, não fosse incluído na pesquisa por conta dos prazos que precisei cumprir para o mesmo ser finalizado. Porém, isso abre espaço para que a partir desse trabalho, pesquisas futuras tragam também observações feitas em mais escolas, incluindo as da rede pública de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Flávio Aparecido de. **Diversidade na Escola: promovendo a igualdade e a democracia**. v. 2, 2021. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.org/articles/210303768.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2023.
- ALVES, Rubem. **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. 5. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA). **Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH)**. Disponível em: <https://tdah.org.br/>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, 2016. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 02 set. 2023
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/politica.pdf>. Acesso em: 07 set. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **A inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais: Deficiência Física**. Brasília: MEC/SEESP, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>. Acesso em: 15 out. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 24ª Reimpressão. São Paulo: Cortez, 1994. Rede D'Or São Luiz. **Transtorno Desafiador Opositivo (TDO)**. Disponível em: <https://www.rededorsaoluiz.com.br/doencas/transtorno-desafiador-opositivo>. Acesso em: 15 dez. 2023.
- Secretaria de Estado da Saúde do Paraná. **Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. Saúde Paraná. Disponível em: <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Transtorno-do-Espectro-Autista-TEA#:~:text=O%20transtorno%20do%20espectro%20autista,repert%C3%B3rio%20restrito%20de%20interesses%20e>. Acesso em: 15 dez. 2023
- UNESCO. Ministério da Educação e Ciência de Espanha. **Declaração de Salamanca: Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca, Espanha, 1994. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000139394>. Acesso em: 12 nov. 2023.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA COM OS DOCENTES

1. O que te motivou a ser professor (a)?
2. Qual o seu tempo de atuação em sala de aula?
3. Qual sua formação?
4. Você já teve alguma formação voltada para a educação inclusiva?
5. Para você, quais são os alunos, de modo geral, que necessitam de um suporte para serem incluídos durante as aulas?
6. Qual o maior desafio do professor ao trabalhar com crianças com deficiência?
7. Em suas aulas, quais práticas pedagógicas você costuma aplicar para que todos os alunos consigam ser alcançados?
8. A escola onde trabalha oferece todos os recursos necessários para que você consiga trabalhar de forma inclusiva?
9. Você consegue perceber, na sua escola de atuação, uma preocupação real com a qualidade de ensino para com os alunos considerados de inclusão?
10. Para você, o que falta para que a educação seja, de fato, inclusiva?